

FATOS E NOTAS

MAIS ERVAS DANINHAS NO HORTO VESPUCIANO (*).

Eis-ncs diante de mais uma “divagação” vespuciana, desta vez nas colunas de um periódico que, como o *Geographical Journal*, não costuma dar muito espaço para as pesquisas de história da geografia (1).

Trata-se do seguinte: o Prof. A. Davies dá como demonstrada a tese de Roberto Levillier, ou antes, retomada por Levillier (2), de que tanto as três notáveis cartas florentinas de Vespucci, descobertas e publicadas a partir da metade do século XVIII, quanto às duas já impressas desde os primeiros anos de Quinhentos — o *Mundus Novus* e a chamada *Lettera al Soderini* — são autênticas; julga, porém, que as quatro viagens, que dessa maneira seria necessário admitir, realizadas pelo navegador florentino, se reduzem de pelo menos uma unidade (3).

A primeira, a que — sempre de acôrdo com a “tradição” — teria sido realizada em 1497-1498, teria sido inventada por Vespucci para estabelecer sua prioridade não já com relação a Colombo, mas a um português que teria percorrido as águas sul-americanas em 1498. Assim o Florentino, após ter referido a verdade sobre a sua primeira expedição marítima — a de 1499-1500 — na carta expedida de Sevilha em 18 [28] de julho de 1500 a Lorenzo di Pier Francesco de' Medici, carta que o próprio Davies considera autêntica, não teria tido escrúpulos, ao escrever dois ou três anos depois ao mais alto magistrado da sua cidade natal, em fazer, desta única viagem, duas viagens diferentes; antes para

(*) — Texto italiano traduzido por Ilydio Burgos Lopes.

(1). — Cf. A. DAVIES — *The “first” voyage of Amerigo Vespucci in 1497-1498*, in “Geogr. Journ.” LXVIII (1952), pág. 331-337.

(2). — Cf. R. LEVILLIER — *América la bien llamada* — Buenos Aires, 1948. Sobre esta obra, conf. o meu artigo: *I problemi vespucciani e i loro recenti studiosi*, in “Boll. Doc. Geogr. Ital.” série VIII, vol. VI (1951), pp. 241-260 e 325-346.

(3). — Pois que o A. se limita a tratar, em substância, da “primeira” viagem da tradição, não é possível deduzir do que escreve qual é a sua opinião sobre a outra viagem contestada, a quarta e última. E' verdade que ele é constrangido a reconhecer que “no documentary evidence exists to confirm these first and fourth voyage” (p. 331), mas devemos crer que suas reservas quanto à autenticidade destas viagens não vão além da “primeira”; de outra forma não se compreenderia a sua claramente proclamada adesão à “tese” de Levillier.

De qualquer modo, é urgente pôr em evidência que Davies nem ao menos suspeita que a contestada veracidade da “primeira” viagem, referida só pela *Lettera al Soderini*, coloque o problema da autenticidade do documento integral.

descrever a “primeira” e falsa viagem, ter-se-ia utilizado, em parte, dos resultados da expedição por êle mesmo dirigida em 1501, a serviço de Portugal. De fato, as 870 léguas que a *Lettera al Soderini* atribui à pretensa viagem de 1497-1498 resultariam, segundo Davies, das 700 percorridas em 1499-1500 mais as 150 percorridas em 1501, do Cabo São Roque ao Cabo Santo Agostinho.

Quanto ao itinerário destas duas “primeiras” viagens, a inventada e a verdadeira, Davies limita-se a dizer que, em substância, é o mesmo em ambas; por isso “a sua (de Vespucci) descrição da viagem de 1497-1498 interessa as mesmas costas que êle descobriu de fato em 1499 e em 1501...; a única ficção (*deceit*) na respectiva narração é a data, 1497”. Mesmo para Davies não há dúvida de que os pormenores desta falsa viagem são tomados dos anotados por ocasião da viagem realmente realizada em 1499, e da primeira parte da de 1501 (4). Por conseguinte, não é caso de pensar que Vespucci tenha, não se diga navegado, mas sequer dado a entender que tenha navegado de Honduras ao Yucatan, ao golfo do México, à Flórida e às margens atlânticas da América do Norte, como foi entendido pela maior parte dos estudiosos, que admitem a veracidade da “primeira” viagem da “tradição”. E’ verdade que na *Lettera al Soderini* se coloca a arribada das naves, participantes daquela “primeira” viagem, em 16.^o N. e 75.^o O. (das Canárias), o que corresponderia, num mapa moderno, mais ou menos a Honduras, mas “examinando bem o passo correspondente” — afirma Davies — “é evidente que Vespucci aí indica o têrmo de NO. do continente que costeou, e não o local donde iniciou sua viagem costeira”.

Quanto ao resto, Davies não se preocupa de examinar aquilo que tal interpretação exigiria para que as circunstâncias atestadas pelas fontes não discordassem entre si e concordassem com ela, satisfazendo-se com tirar das cartas autênticas e da *Lettera al Soderini* tudo quanto lhe convém para alinhar o esquema de uma

(4). — Para provar esta asserção Davies cita (p. 334) cinco passagens que ocorrem tanto na *Lettera al Soderini* quanto nas cartas autênticas de 18 (28) de julho de 1500, de 1502 de Lisboa, e no fragmento apócrifo publicado por Ridolfi. Depois de tudo quanto sôbre semelhantes concordâncias havia escrito A. MAGNAGHI — *Amerigo Vespucci* — Roma, 1926, pp. 88 e seg., as cinco alegações de Davies fazem uma figura bem mesquinha. Observe-se que:

1. os dois passos postos em confrônto não são de todo iguais; por outro lado, já haviam sido notados por Magnaghi, *op. cit.*, p. 91;
2. Correspondência já notada por Magnaghi, *op. cit.*, p. 90;
3. A correspondência aqui é entre a *Lettera al Soderini* e o fragmento apócrifo dado a lume por Ridolfi; portanto êste elemento nos leva apenas a uma data posterior, não diremos a 1502, mas a 1504. Mas a menção ao modo de viver dos Epicureus falta na carta autêntica de 1502, como havia mostrado A. MAGNAGHI — *Una supposta lettera di Amerigo Vespucci sopra il suo terzo viaggio*, in “Boll. Soc. Geogr. Ital.”, série VII (1937), p. 605;
4. Também neste caso os passos confrontados não são de todo iguais.
5. Para esta citação vale o que foi observado sob o n.º 3. Devo advertir que Davies chama sempre o fragmento aqui citado de Ridolfi “carta de 1503”, sem dar, naturalmente, a razão disso. Como é sabido, Ridolfi considerava esta carta como escrita entre setembro e dezembro de 1502, opinião aceita por Levillier; mas A. MAGNAGHI, *op. cit.*, p. 609, havia demonstrado que ela utiliza obras publicadas em 1504 e em 1505-1506.

tese que, deliberadamente, não toma em conta os outros numerosos e complexos aspectos do problema vespuciano.

Chegado assim a uma rápida, se não violenta conclusão, Davies fecha-a com os seguintes corolários, que vale a pena reproduzir textualmente: “É significativo que os três documentos que declaram ter Vespucci efetuado duas viagens ao Ocidente para o Rei da Espanha, foram escritos depois de 1502 (5), quando Vespucci estava a serviço de Portugal, em Lisboa. Para aumentar seu prestígio em Portugal, Vespucci pôde, legitimamente, pretender ter descoberto 870 léguas de costa, do 6.º S. ao Cabo da Vela. A data de 1497 faz pensar que êle julgou necessário (6) em Lisboa afirmar esta data para estabelecer uma prioridade, não só quanto a Colombo, mas também quanto a uma viagem portuguesa de 1498 em águas sul-americanas. Parece que tal viagem foi feita por Duarte Pacheco que, em 1498, foi enviado por Dom Manuel “para explorar o Ocidente”. Além disso, Vespucci pretendia ter feito a viagem de 1497 numa nave do Rei de Castela, assegurando-se desta forma que as suas pretensões não fôsem anuladas por Portugal.

Quando depois Vespucci voltou ao serviço de Espanha em 1504, após a publicação da *Lettera al Soderini*, em setembro dêste ano, a sua “primeira” viagem não foi criticada pelo Rei de Espanha, por Colombo ou por Hojeda, porque era evidente que estabelecia a prioridade da descoberta, para o Rei de Castela, da disputada terra de ninguém das Amazonas — porque o meridiano de Tordesillas não podia ser fixado com precisão. Dado que Vespucci não tentou infirmar os direitos legais de Colombo, é possível que a *Lettera* (a Soderini) fôsse aceitável ao Rei da Espanha, e que desta forma tenha ajudado a Vespucci a ser aceito ao serviço da Espanha”.

Se prescindirmos dêstes dois autênticos “achados” e do outro, anteriormente mencionado, relativo à interpretação daquilo que se lê, na *Lettera al Soderini*, acêrca do rumo da “primeira” falsa viagem vespuciana, o artigo de Davies nada mais faz, em resumo, senão retomar teses já defendidas por outros. Assim, por exemplo, que a “primeira” viagem da “tradição” seja inadmissível, já o havia dito e sustentado mais de um estudioso; que o seu conteúdo seja idêntico, em substância, ao da viagem de 1499-1500, já Magnaghi o havia documentado, melhor que qualquer outro; que as pretensas provas cartográficas da “primeira” viagem tradicional sejam inconsistentes, o próprio HARRISSE já havia chegado a reconhecê-lo, e um especialista na matéria, NUNN, o tinha confirmado; e assim por diante.

(5). — Por que depois de 1502? A primeira edição com data do *Mundus Novus* é de 1504; da *Lettera al Soderini* admite-se geralmente que tenha sido editada em Florença em 1505-1506, e a esta mesma data se reporta também o fragmento editado por Ridolfi.

(6). — Quando? Davies guarda-se bem de dizê-lo.

Tôda a novidade, portanto, se reduz ao modo diferente de entender alguns trechos isolados dêste ou daquele texto; trechos que Davies combina à sua maneira, sem preocupar-se de apurar, antes de tudo, se é criticamente possível uma tal simplística *contaminatio*.

E', pois, oportuno examinar primeiro, uma por uma, as argumentações do seu ensaio, destacadas, como são, do verdadeiro e próprio problema vespuciano, e reconduzí-las tôdas juntas, ao centro dêste problema, de modo a esclarecer se podem ser consideradas verdadeiramente, e em que proporção, uma contribuição no sentido de resolver êsse problema.

Não deixa de ser significativo que Davies comece afirmando que "Roberto Levillier tem brilhantemente reivindicado a reputação de Vespucci e a autenticidade" da *Lettera al Soderini*, que há mais de um quarto de século se demonstrou ser falsa (7). Quem tem experiência de estudos vespucianos sabe muitíssimo bem que a causa das longas e tenazes controvérsias em tôrno da fama do navegador florentino consiste, em substância, no insanável contraste entre os dois grupos de fontes, aos quais devemos recorrer para reconstituir suas viagens. O primeiro dêstes grupos é constituído de duas obras impressas, que vieram a lume sob seu nome, quando êle ainda estava vivo, a saber: o *Mundus Novus* — carta latina que se julga tradução de um original italiano, dirigido a Lorenzo di Pier Francesco de' Medici, e relativa à suposta terceira viagem, nas costas do Brasil — e a já mencionada *Lettera al Soderini*, que contém a narração de quatro expedições marítimas, duas a serviço da Espanha e duas por conta de Portugal; carta que se julga ter sido publicada pela primeira vez em italiano, em Florença, em 1505-1506, e traduzida em 1507 para o latim em S. Dié (Lorena), com o título de *Quattuor Americi Navigationes*, foi impressa juntamente com a *Cosmographiae Introductio* de M. Waldseemüller.

Com base nestes dois textos vinha-se criando uma "tradição" que, após haver apresentado a Vespucci sob o aspecto de um grande descobridor, êmulo de Colombo e, como êste, empenhado em quatro grandes expedições ao Novo Mundo, tornou-se pouco

(7). — Apenas para dar um exemplo da maneira desembaraçada com que os novos críticos resolvem os problemas vespucianos, cito textualmente um dos três "powerful arguments" que, segundo Davies, amparam a tese dos que crêem, com Levillier, na autenticidade de todo o corpus epistolar atribuído ao Florentino: "Ao passo que existem erros, omissões menores (?) e confusões nos relatos de tôdas as viagens e em tôdas as cartas, não há nada que denuncie falsificações deliberadas em nenhuma delas. A relação das viagens de 1499 e 1501, escritas a Soderini, correspondem, em substância, às escritas a Lorenzo. À parte a falta de testemunhas que a confirmem, não há razão para duvidar da relação da "primeira" viagem, não mais do que da segunda e da terceira, que estão plenamente confirmadas. Os incidentes e os detalhes da vida indígena, dos costumes e da organização, na relação da "primeira" viagem, são inteiramente condizentes com os da segunda e da terceira, e certamente não podiam ter sido inventados ou alterados" (p. 332).

E assim, com poucas frases genéricas, lança-se às urtigas o paciente trabalho de gerações, visando a individualizar uma infinidade de contrastes concretos entre os dados referidos pelas várias fontes!

a pouco menos consistente, quando só começaram a descobrir, numa e noutra carta, erros, estranhezas, discordâncias cronológicas e dados evidentemente inaceitáveis, que justificavam um juízo muito diferente sobre seu autor. Sobretudo a pretensa primeira viagem, dada por realizada em 1497, às costas de Pária, um ano antes de Colombo, pareceu, não sem razão, apresentar Vespucci à antipática luz de um impostor, um embusteiro. Nasceu assim, e se desenvolveu, uma longa polémica entre defensores e detratores de Vespucci, que assumiu tons particularmente ásperos durante o século XVIII. Na segunda metade desse século, pelos cuidados de estudiosos italianos, foram encontradas em Florença e publicadas, três cartas dirigidas por Vespucci ao Medici, contendo o relato de apenas duas viagens, realizadas, uma por conta da Espanha em 1499-1500, e a outra por conta de Portugal, em 1501-1502; estas cartas constituem o segundo grupo de fontes, e mostram-nos o navegador florentino sob um aspecto bem diferente; excluindo alguns erros evidentes devidos, com toda a probabilidade, aos copistas, nada contém que nos possa induzir a fazer reservas quanto à boa fé, à veracidade, à probidade e à perícia técnica do seu autor.

A força da “tradição”, ramificada em grande quantidade de escritos que depois se tornaram autorizados em virtude da sua própria antiguidade, fez que muitos se tornassem céticos no atribuir a Vespucci a paternidade das três cartas florentinas, seja porque o fato de não terem sido publicadas em vida do autor parecesse argumento válido para impugnar a sua autenticidade, seja porque os elementos que elas forneciam se revelavam inconciliáveis com aquêles sobre os quais a “tradição” fora edificada. Todo o imponente trabalho de revisão, de confronto, de crítica, de análise, realizado pelos estudiosos do século passado, a começar pelo grande Humboldt, — quando não se exauriu nos infinitos aspectos de uma polémica cansativa — não pôde fazer nada melhor senão pôr em evidência cada vez maior a impossibilidade de pôr em acôrdo os dois grupos de fontes; e os juízos sobre Vespucci continuaram a oscilar entre as defesas mais entusiásticas e as mais duras acusações, entre a apologia e o vitupério.

Para sair desta dúvida, era necessário submeter ambos os grupos de documentos a um exame tão aprofundado quanto possível, com o intuito de verificar se, porventura, as fontes genuínas, mesmo aquelas em que se apoia a “tradição”, não eram exatamente as três cartas florentinas. E' verdade que estas reduzem a duas as viagens realizadas por Vespucci, e nos fornecem os poucos elementos que podiam ter lugar numa correspondência de caráter privado e familiar; mas o seu conteúdo elimina as confusões, as incertezas e as contradições a que deram origem as cartas do primeiro grupo, as quais, submetidas a um exame mais atento, revelam claramente o seu caráter apócrifo.

Cabe ao italiano Magnaghi o mérito de ter percebido esta solução, que coloca o problema vespuciano num plano novo e ao mesmo tempo seguro: o material documentário e a quantidade de argumentos com que a própria tese é apresentada, são de tão superabundante riqueza e de tão persuasiva evidência, mais que em nenhuma das outras obras até aqui publicadas sobre o mesmo assunto, de Humboldt em diante.

Naturalmente, ninguém melhor do que Magnaghi tinha a clara consciência de que não havia, de uma vez para sempre, chegado ao fundo das múltiplas questões que ainda esperam solução; era, porém, de esperar, ao menos, que à sua documentação se opusessem, por parte dos seus opositores, outros documentos, e se demonstrasse que, no todo ou em parte, suas premissas estavam erradas, antes de repelir suas conclusões. Ao invés disto, e a mais de vinte anos de distância, eis que um estudioso argentino, Roberto Levillier, em lugar de submeter, como devia, estas conclusões a um exame minucioso e acurado, joeirando um por um os elementos probantes, volta ao velho método das tiradas retóricas, e retoma o problema no ponto em que o haviam deixado Varnhagen e Vignaud, contentando-se com tentar uma vã e grandemente arbitrária reconstrução da cartografia contemporânea.

Entendamo-nos: Levillier professa, como seus dois predecesores diretos, uma grande estima pelo navegador florentino, mas esta apreciação é, como todo o seu trabalho, destituída de bases concretas. Não basta afirmar, como êle e outros têm feito e ainda fazem, e o repetimos com as palavras de Davies, que “embora haja erros, omissões menores e confusões em a narrativa de tôdas as viagens, e em tôdas as cartas, não há nada que faça pensar numa falsificação deliberada em algumas delas”; é preciso também demonstrá-lo. E para demonstrá-lo, é preciso eliminar, antes de tudo, as infinitas provas em contrário, aduzidas por Magnaghi em nada menos de cento e sessenta páginas de compacta composição; provas que concernem a um verdadeiro vespeiro de questões de todo gênero, muitas das quais se apresentam como absolutamente peremptórias.

Devo dizer que renovo estas observações com um certo sentimento de enfado, de tal modo me parecem notórias, elementares e acacias; mas o leitor perceberá que é, senão oportuno, necessário fazê-las, dada a facilidade, que os estudiosos revelam, de não as tomarem em conta, achando, ao que parece, mais cômodo limitar-se a afirmações genéricas e evidentes, em vez de examinar atentamente tudo quanto se opõe a suas teses. Ademais, Davies, não contente de haver feito a observação que se viu no princípio do seu estudo, insiste em afirmar — sempre sem ao menos um começo de demonstração — que Revelli, em 1926, como Levillier em 1951, teriam “pôsto fora de dúvida a origem vespuciana das *quattuor navigationes*. Quanto a Levillier, já dissemos o su-

ficente num escrito anterior, e teremos ocasião de voltar a êle em seguida. A data de 1951, aposta ao seu nome, indica que Davies alude ao recente volume *El nuevo mundo*, no qual o estudioso argentino recolhe, tôdas juntas, as cartas florentinas e as que foram demonstradas apócritas por Magnaghi; mas é bom pôr em relêvo, desde já, que esta nova obra não tem, de modo algum, o caráter de edição crítica das cartas vespucianas, e muito menos se dá ao trabalho de enfrentar os concretos problemas bibliográficos, filológicos, literários, históricos, geográficos e cartográficos, que o atormentado *corpus* documentário vespuciano apresenta. A introdução, de fato, não faz outra coisa senão diluir, num oceano de palavras, tudo quanto o próprio autor havia já estilizado na anterior *America la bien llamada*.

Resta a referência a Revelli, pelo que êste autor achou modo de dizer numa resenha bibliográfica, a seu tempo minuciosamente examinada pelo escritor (8); mas Davies guarda-se bem de recordar, ou talvez o ignore, que ela foi imediatamente refutada por Magnaghi, num opúsculo impresso, que os estudiosos dos problemas fariam bem em não esquecer (9). Pelo que concerne a estas nossas breves notas, bastará pôr em relêvo que, enquanto na primeira parte do livro de Revelli dão-se como realizadas por Vespucci sômente duas viagens — isto é, concorda-se simplesmente com a tese de Magnaghi — na segunda parte lêem-se afirmações e juízos (que não passam de meros e simples juízos e afirmações) que contradizem explicitamente aquela anterior aceitação, em meio a uma exuberante flora de ervas daninhas, para empregarmos um eufemismo.

Se escritos de tal gênero podem ser considerados por Davies como fidedignos num complexo de problemas como os problemas vespucianos, sôbre os quais se consumiu o engenho da fina flor dos historiadores de todos os tempos e nações, é fácil prever qual possa ser a consistência crítica de tudo quanto êle mesmo nos dirá em seguida. Mas aqui, segundo o sistema que nos é habitual, preferimos sondar a fundo, uma por uma, as questões que nos

(8). — O escrito de Revelli a que se alude, intitulado *Terra d'America e Archivi d'Italia* (Milão, 1926), e publicado por ocasião do XXII Congresso Internacional dos Americanistas, consta de um catálogo de manuscritos relativos às terras de América, conservados nas Bibliotecas e nos Arquivos da Itália (pp. 59-173), seguido de uma série de reproduções e precedido de um capítulo *La conoscenza delle terre americane e l'opera degli Italiani* (pp. 3-58), do qual o menos que se pode dizer é que deve ser usado com extrema cautela.

De Vespucci se fala assim neste capítulo introdutório — onde se adere sem mais, segundo está acentuado no texto, à tese de Magnaghi — como a propósito do cod. 1910 da Biblioteca Riccardiana de Florença, o chamado "códice Vaglianti" (pp. 125-132) — no qual, ao invés, se fazem as mais genéricas reservas sôbre esta tese. Inútil é dizer que semelhantes reservas haviam já feito as delícias de Levillier (*América la bien llamada*; II, 293-294), e tornam a dar bela mostra de si no seu mais recente volume (*Americo Vespucci. El mundo nuevo*, Buenos Aires, 1951, p. 22). Em torno do volume de Revelli, conf. minha apreciação no "Boll. R. Soc. Geogr. Ital.", 1927, pp. 572-575; a resposta de Revelli e minha réplica: *ibid.* pp. 348-359.

(9). — Cf. A. MAGNAGHI — *Fra terre e archivi...* — Palermo, tip. M. Montaina, 1927.

forem propostas, para que não fique em quem dê a mínima incerteza.

Reconhece Davies, explicitamente, que a “primeira” viagem da “tradição” nunca foi realizada por Vespucci, e bastaria esta admissão para tornar estranhável a sua substancial adesão à tese de Levillier, para quem, ao contrário, aquela viagem é mais do que nunca autêntica. Uma vez afirmada essa adesão, e por isso confirmada em princípio a autenticidade da *Lettera al Soderini*, não nos resta senão recorrer à suposição de que foi Vespucci quem pôs por obra alguma coisa pouco limpa. Por outro lado, pois que essa falsidade devia ter um escôpo, Davies é constrangido a formular hipóteses imaginosas; a primeira, que Vespucci não queria que se soubesse que havia estado na América Central e Setentrional, para não suscitar protestos espanhóis (?); segunda, que essa viagem fictícia visasse a defraudar outro navegador de um justo ou suposto primado.

Deixemos de lado, por ora, o lado moral da questão; pode-se, porém, observar, como juízo prévio, que nenhum destes “achados” resiste a um cuidadoso exame crítico.

Começamos pela “primeira” suposta viagem de 1497-1498. Davies repele a sua autenticidade, ao que parece, porque não está comprovada cartograficamente. Observa, com Levillier, que “a narração desta viagem, e os direitos que dela cabiam a Vespucci, nunca foram contestados em Espanha durante a sua vida”, ao passo que deveria parecer pelo menos improvável que uma genuína ou falsa pretensão do navegador florentino, de ter descoberto a América Central e Setentrional em 1497, pudesse fugir à atenção e ao registo do governo daquele país (10).

Ora, é um fato que a suposta “primeira” viagem não pode ser admitida *in primis et ante omnia*, pelas contradições internas do único texto que a refere, isto é, a *Lettera al Soderini*. Em verdade, esta se revela, sob todos os aspectos, uma falsificação tão patente, que de forma alguma pode ser atribuída a Vespucci; não já por uma razão moral preconcebida — ninguém pretende postular, a *priori*, que Vespucci ou outros fôssem homens moralmente perfeitos — mas porque não pode deixar de parecer absurdo conciliar a altíssima estima que circundava o seu nome, com a paternidade de um escrito que teria demonstrado ser êle, sobretudo, um mentiroso impudente, estúpido fanfarrão e acabado ignorante. Tal homem não teria podido, evidentemente, não diremos ser elevado ao cargo de primeiro *piloto mayor* de Espanha, mas nem sequer

(10). — Falta qualquer documento a propósito, e a suposição mais lógica é que o governo espanhol não tenha sabido nada desta suposta viagem, pela simples razão que jamais foi realizada. Caso contrário, ter-se-ia servido dela, sem dúvida, no famoso Processo do Fisco, contra os direitos de Colombo.

Ademais, a *Lettera al Soderini* apareceu certamente na Itália não antes de 1504, e o primeiro que mostra conhecê-la é Las Casas, mas bem quinze anos depois da suposta viagem.

gozar da amizade de Colombo, e realizar as grandiosas empresas que suas cartas autênticas nos revelam, mesmo na sua forma ocasional e episódica.

Compreende-se que quando alguém se limita a declarar *sic et simpliciter* esta impossível conciliação de elementos opostos, é fácil também assumir uma atitude cética; mas qualquer ceticismo cede o lugar à convicção, quando o contraste se torna evidente por meio de uma tal massa de argumentação, que em poucos outros casos é permitido alinhar.

De qualquer modo, dado, mas não concedido, que se pudessem considerar genuina a *Lettera al Soderini*, em caso algum se poderia atribuir à “primeira” viagem o itinerário proposto por Davies. O texto da *Lettera* é de fato tão claro, que não se compreende como possa haver alguém que se iluda a ponto de torcê-lo impunemente, até fazê-lo dizer exatamente o oposto daquilo que quer dizer (11). “...partimos do pôrto de Cadiz... em direção às ilhas Afortunadas”, assim se lê no princípio, “...onde nos detivemos 8 dias... e daqui partimos e demos velas ao vento começando nossa navegação para o poente, “piglando 1/4 di libecco”: e tanto navegamos que, ao cabo de trinta e sete dias fomos ter a uma terra que julgamos ser terra firme: a qual dista das ilhas Canárias mais ao ocidente cêrca de mil léguas fora do habitado centro da zona Tórrida: porque achamos (12) o polo do setentrião erguer-se fora do seu horizonte 16 graus e mais ocidental que a ilha Canária segundo mostravam os nossos instrumentos 75 graus: no qual lugar lançamos âncora com nossas naves a uma légua e meia da terra, e lançamos fora nossos botes, e cheios de gente e de armas andamos à volta da terra... etc.”. Os navegantes percebem terem chegado a um lugar habitado, mas os habitantes fogem para um monte vizinho. A noite desce, “e como as naves estavam surtas em lugar perigoso por estar em costa bravia e sem abrigo (13), resolvemos no outro dia sair daqui, e ir procurar qualquer pôrto, ou estância onde assegurar nossas naves: e navegamos para nordeste, que assim se corria a costa sempre à vista de terra... depois de navegar dois dias achamos lugar bastante seguro para as naves e surgimos a meia légua perto da terra...”.

Segue-se um longo *excursus* sobre os indígenas, no qual o autor expõe “quanto da sua vida e costumes” pôde conhecer (251-255), e conclui com a declaração: “isto basta quanto ao universal” (255), depois do que retoma o itinerário: “Resolvemos partir e ir mais adiante costeando de contínuo a terra, na qual fizemos muitas escalas... e ao fim de vários dias fomos ter a um

(11). — Seguimos aqui, como alhures, o texto Vaglienti, salvo algumas variantes de patente evidência; das mais notáveis é feita menção em notas.

(12). — Vaglienti escreve “trovando”; “trovanmo” está na impressão florentina.

(13). — Vaglienti grafa “albitro”, que não dá sentido; a impressão florentina “abrigo”, como acolhemos no texto.

pôrto... onde achamos uma povoação fundada sôbre a água como Vinega (Veneza) (255)... e no outro dia resolvemos partir dêste pôrto e ir mais adiante: andando de contínuo ao longo da costa tivemos vista de uma outra gente que podia estar distante destas 80 léguas, e... resolvemos ancorar e fomos a terra nos batéis" (256). Aqui uma parte da expedição se interna na região por 18 léguas, entrando em contato com outros indígenas, dos quais os "charaibi" (caraíbas) receberam o batismo."

Prossegue o texto: "partimos dêste pôrto, e a província se chama párias: navegamos ao longo da costa sempre à vista da terra, tanto que corremos dela 870 léguas sempre para nordeste, fazendo nela muitas escalas... e já estávamos **Xliiii** meses em viagem..." (259), assim que, concordaram em consertar as navés, e decidiram fazer-se "de volta à Espanha" de um "pôrto, o melhor do mundo", onde se detiveram 3/ dias. Levantando ancora, se dirigiram a uma ilha distante 7 dias de mar, chamada Uti, ou Iti, onde tiveram um combate vitorioso com outros indígenas, até que velejaram para a Espanha, saltando em terra em Cádiz, no dia 15 de outubro de 1498.

Embora se trate de um texto muito conhecido, preferi reproduzir as passagens relativas ao itinerário da suposta "primeira" viagem, para que o leitor tenha sob os olhos imediatamente os termos da questão. Atendo-nos, pois, à *Lettera al Soderini*, as etapas da viagem seriam as seguintes:

10 ou 20 de maio 1497	partida de Cádiz;
16 ou 26 de junho "	arribada a uma costa continental a 16° N. e 75° O. das Canárias;
18 ou 28 " "	navegando para NE. arribada a um "lugar seguro"
19 ou 29 " "	Descida à terra;
depois de "certi di" "	Feitas "muitas escalas", chegada a um pôrto com palafas como em Veneza;
? dois dias depois	a 80 milhas de distância;
depois de 3 dias	expedição ao interior da terra;
por outros 11 dias	até 18 léguas dentro da terra de Lariab daqui;
?	por 870 léguas a NE.;
julho de 1498	decisão de tornar à Espanha, partindo de um pôrto "o melhor do mundo";
agosto de 1498	partida para ilhas distantes 100 milhas;
" ? " depois de 7 dias	navegação para NE-E. e chegada à ilha de Uti ou Iti;
15 de outubro de 1498	Volta a Cádiz.

São notórias as controvérsias a que deu origem a interpretação d'êste itinerário, e não é o caso de voltarmos a elas. Mas, tanto para aquêles que consideram autêntica essa viagem (como Levillier), quanto para os que a reconhecem como imaginária (como Davies), o texto não permite dúvidas nem quanto ao rumo da expedição, nem quanto à rota seguida; dois dados que contradizem de plano a tese de Davies (14).

Mesmo concedendo que o autor da *Lettera* se houvesse proposto os objetivos que Davies lhe atribui — e dos quais falaremos mais adiante — deve-se pensar que o ardil a que recorre, fazendo duma só duas viagens diferentes, tivesse por fim apresentar um mínimo de credibilidade, sem o qual teria aparecido claramente como uma... estupidez, mesmo para gente crédula e simplória como a Davies se afigura fôssem os responsáveis pela política marítima dos dois reinos ibéricos. Segue-se daí que quem lia a *Lettera al Soderini* sem dispor — como hoje — da carta autêntica de 18 [28] de julho de 1500, devia fazer uma clara idéia de que a primeira das quatro viagens ali descritas era mais do que uma simples repetição ou contrafacção da segunda. Bastaria, aliás, refletir nas interpretações mais ou menos concorrentes dadas pela “tradição” a esta primeira suposta viagem, e a acerba polêmica desencadeada no século XVIII, a propósito da prioridade da descoberta do continente americano, disputada entre Colombo e Vespucci, para demonstrar que qualquer modo de entender o texto da *Lettera al Soderini* se poderia considerar legítimo, menos o de Davies. Foi dito, é verdade, que em vez de 16° N. deve-se ler 6° (Canovai) ou 8° N. (Peschel), mas d'êste ponto, que no pensamento do falsificador corresponde — repetimos — ao princípio da viagem e não ao seu término, a direção seguida é, sem discussão possível, a do nordeste, que nos leva, em todo caso, pelo menos 870 léguas ao NO. daquele ponto; e se diz “pelo menos”, conquanto, para ser preciso, as 870 léguas de que aqui se fala não representam tôda a distância percorrida, mas só uma parte. Seja como fôr, com uma tal distância não é de admirar que tenha havido quem, como Varnhagen, tenha feito Vespucci chegar ao Estreito de Belle Isle, entre a Terra-Nova e o Labrador.

Considerar um ardil de Vespucci a “primeira” viagem tradicional, não significa, porém, resolver nem sequer uma das infinitas questões concretas que o texto da *Lettera al Soderini* exige sejam resolvidas, nem mais nem menos que nas hipóteses daqueles que consideram autêntica a própria viagem. Por outra parte, supor que Vespucci desse a entender haver-se aproximado da zona ao S., em vez do N., do ponto indicado na *Lettera al Soderini* como a primeira arribada continental, não só elimina, mas com-

(14). — Sôbre as contradições em que cai Davies a êste propósito, veja-se a nota 32.

plica o outro sério problema das relações entre esta fictícia exploração e a terceira viagem de Colombo.

Diz Davies que com sua interpretação êste problema nem se apresenta, porque Vespucci não podia, de tal modo, parecer ter estado na América Central e Setentrional antes de Colombo e em concorrência com êste. Mas, ao invés, é notório que o título de descobridor do “continente” americano, que agora todos reconhecem pertencer a Colombo, apoia-se sôbre o descobrimento por êle realizado na região adjacente ao delta do Orenoco, onde chegou em agôsto de 1498, ao passo que, atendo-nos à interpretação proposta por Davies, Vespucci teria feito ressaltar, com o truque da *Lettera al Soderini*, que havia chegado àquela mesma região um ano e mais antes de Colombo. Bela maneira, em verdade, de demonstrar que nem êste último, nem os governantes espanhóis, tivessem de se preocupar com as pretensões de Vespucci !

Mas, continua Davies, impertérrito, Vespucci pretendia afirmar — com uma falsidade desta espécie! — a sua prioridade sôbre Duarte Pacheco, ao qual, em 1497, o Rei de Portugal havia dado ordem de dirigir-se para o Ocidente e explorá-lo, e que “parece ter feito essa viagem” nas águas sul-americanas.

“Parece” tão pouco, que agora há um acôrdo quase completo em negá-la. Tudo quanto sabemos desta outra emprêsa imaginária é a menção da ordem que se diz ter sido dada pelo Rei D. Manuel; menção contida no primeiro livro do *Esmeraldo de Situ Orbis* do próprio Pacheco. Para que não haja a menor dúvida quanto a isto, transcrevemos em nota o passo correspondente (15); o leitor poderá assim verificar diretamente que se trata de uma indicação de ordem genérica, que não só não impõe a probabilidade

(15). — O passo acha-se no cap. 2. do primeiro livro do notável *Esmeraldo de situ orbis*, a propósito do qual — pelo que concerne à respectiva data de composição — seja-nos permitido reportar-nos ao que escrevemos em *I problemi vespucciani e i loro recenti studiosi*, no “Boll. Soc. Geogr. Ital.”, série VIII, vol. IV (1951), pp. 335 e seg. Diz textualmente: “E alem do que dito he, ha experiencia, que he madre dal cousas, nos desengana e de toda duuida nos tira; e por tanto bemaventurado Principe temos sabido e visto como no terceiro anno de vosso Reynado de hano de nosso senhor de mil quatrocentos noventa e oito donde nos vossas alteza mandou descobrir a parte occidental passando alem ha grandeza do mar ociano honde he hachada e navegada huma tam grande terra-firma com muitas e grandes ilhas ajacentes a ella que se estende a satenta graaos de ladeza da linha equinocial contra ho polo arctico e posto que fejo afaz fora he grandemente paourada, e do mesmo circulo quinocial torna outra vez e vay alem em vinte e oito graaos e meo de ladeza contra o polo antratico e tanto se dilata sua grandeza e corre com muita logura que de huma parte nem da outra nem foi visto nem sabido o fim e cabo della, pello qual secundo ha ordem que leva he certo que vay em cercoyto por toda a redondeza, asim que temos sabido que des payas e costa do mar restes reynos de Portugal e do promontorio de finis terra e del qualquer outro lugar de europa e dafrica e dasia hatraversando alem todo oceano directamente ha ocidente ou ha loest segundo hordem de marinharia por trinta e seis graaos de longura que seram seiscentos et quarenta e oyto leguas de caminho contando ha desoyto leguoas por graao e ha lugares algum tanto mais louje, he hachada esta terra + nam nauegada pellos navios de vossa alteza, e por vosso mandado e liçença, os dos vossos vassallos e naturaes, etc.”.

Pediámos poupar-nos, com Davies, o trabalho de demonstrar quanto afirmamos no texto, porque a demonstração lhe é oferecida pelo próprio R. LEVILLIER — *America la bien llamada* cit. I; pp. 142-160, num capitulo intitulado *El viaje imaginario de Duarte Pacheco al Brasil en 1498*.

de tal viagem, mas a exclui simplesmente, mesmo sem se ter em conta que não existe nenhum documento literário, cartográfico, contemporâneo ou posterior, oficial ou doutrinário, que a confirme (16).

Ter-se-ia, pois, o direito de concluir que Davies apoia a sua primeira e gratuita hipótese (falsificação voluntária de Vespucci) sobre outra hipótese não menos gratuita (que esta falsificação visasse a estabelecer ter havido a suposta primeira viagem de 1497 ao longo das costas da América Meridional), que por sua vez postula uma terceira e ainda mais gratuita hipótese (que com tal viagem se queria estabelecer uma prioridade em relação a uma viagem inexistente); mas há melhor. Se Pacheco tivesse de fato pôsto o pé, em 1498, no continente sul-americano, esta expedição teria sido contemporânea da terceira viagem de Colombo, e teria interessado a mesma região por êste descoberta; como sustentar, então, que as ilícitas pretensões de Vespucci se voltassem contra Pacheco, e não contra Colombo?

Deixemos êste enigma à fértil alquimia de Davies, e prosigamos na análise do seu artigo.

No parágrafo dedicado ao “problema da arribada a Honduras”, o A. parece satisfazer-se com repetir que a latitude de 16° N. da suposta “primeira” viagem de 1497-1498 indica o último limite da “verdadeira viagem” de 1499-1500, e que êste ponto corresponde à região do Cabo da Vela-Punta Gallinas, mas guarda-se bem de dizer-nos qual foi, pois, ou se quis que fôsse acreditado, o rumo da expedição fictícia destinada a criar um título de prioridade para Vespucci. Dir-se-ia que esta pesquisa exata não tem para Davies nenhuma importância; mas o leitor não pode deixar de perguntar: se o 16° N., que na *Lettera al Soderini* — única base para a reconstituição da falsa viagem vespucciana — é implicitamente indicado como o primeiro desembarque em o novo continente, represente para Davies o ponto extremo atingido naquela mesma viagem, qual é o ponto do qual, sempre segundo Davies, o falsário quis fazer crer tivesse sido iniciada a sua empresa?

Tudo quanto Davies nos dá a saber é que “a primeira” viagem de 1497-1498 costeou por 870 léguas sempre para NO. do Cabo S. Roque ao limite do território continental (?) a Punta Gallinas perto do Cabo da Velá, que estava a 16° N. e 75° (ou 1000

(16). — Também para E. S. MORISON — *Portuguese Voyages to America in the Fifteenth Century* — Cambridge, Mass. 1940, pp. 138-141, Pacheco nada descobriu; somente subordinadamente, e na base de elementos indiciários totalmente insuficientes, supõe “with much diffidence” que lhe tenha sido possível ir acabar nas costas da Flórida.

Temos citado êstes autores de língua inglesa, para que o leitor possa verificar de que maneira inadequada, e direi com que patente incompreensão crítica, Vespucci é tratado, em confronto com o qual o próprio Pacheco parece figura de primeiro plano. Inútil dizer que a documentação requerida para tirar conclusões salomônicas (“in my opinion”) sobre êste ou aquêle navegador português contenta-se com muito pouco, às vezes com indícios; mas a coisa muda evidentemente, com referência a Vespucci.

léguas) a O. das Canárias”. Deve-se concluir daí que, segundo esta reconstituição, a suposta “primeira viagem” teria sido iniciada de 5° S., exatamente como a “segunda” que figura na mesma *Lettera al Soderini*.

Em verdade, nenhum dos que leram e estudaram tal documento havia até agora percebido isso; de outro modo seria natural perguntar como este último diz, a propósito da “segunda” viagem, que a “nova terra” nela atingida “a julgam ser terra firme e contínua àquela que acima se menciona”, isto é, com a região vista na suposta viagem precedente, e como possa haver, a propósito de uma única zona explorada, duas diferentes narrações sobre os característicos, os costumes e os atos das populações que a habitam. E os contemporâneos, homens de governo e de ação, de Portugal e de Espanha, teriam sido tão néscios a ponto de, não só aceitar por boa uma mercadoria deste gênero, mas ainda fazer dela um mérito para Vespucci!

Por outro lado, mesmo prescindindo da “tese” que sobre ela construiu Davies, não é nem mesmo o caso de valorizar excessivamente, como êle o faz relativamente à “primeira” viagem vespucciana, a importância de Punta Gallinas, em torno da qual gira, por assim dizer, toda a sua argumentação. Os dois dados de 16ª N. como rumo da “primeira” viagem, e de 15° N. como ponto extremo atingido na “segunda”, nos vêm da *Lettera al Soderini*, a qual, mesmo na interpretação que lhe é dada por Davies, não pode, evidentemente, ser tida como fonte fidedigna. Se Vespucci, como êle crê, a alterou com o deliberado propósito de fazer parecer como realizada uma viagem que nunca o fôra, a mais elementar prudência de método aconselha não usar os dados que a *Lettera* nos subministra, e tanto mais que estes são contraditórios, ou faltam nas fontes genuínas. Ora, a Carta autêntica de 18 [28] de julho de 1500 — sobre a qual nenhuma dúvida se pode levantar, nem Davies a levantou — não designa nenhuma latitude ao ponto mais setentrional tocado por Vespucci na sua primeira viagem (1499-1500); sem dizer que o navegador florentino devia ainda percorrer um trecho da península de Guaira ao ocidente do Cabo da Vela, alongando-se provavelmente até a foz do Madalena (17). Nem vale apelar para a cartografia contemporânea: dos três planisférios chamados por Davies para a sua causa (p. 334), dois (Juan de la Cosa, Cantino) dão à região que nos interessa, latitudes erradas (provavelmente de caso pensado), tanto assim que Cuba e Haiti são colocados nitidamente ao N. do Trópico; o outro (Ruysch 1508, que é cópia de um mapa italiano) coloca a região de Párias a uma altura mais ou menos exata: entre 10° e 11° N.

(17). — Cf. A. MAGNAGHI — *Amerigo Vespucci* — Roma, 1926 em “Publicazioni dell’Istituto Cristoforo Colombo”, n.º 50 (é a segunda edição corrigida e aumentada), p. 169.

Semelhantemente para o que diz respeito às distâncias em milhas que se lêem na *Lettera al Soderini*. A distância de 1000 milhas das Canárias, que nesta se acha, nos conduziria, segundo Davies, à Punta Gallinas, a qual, porém, não é indicada como arribada da expedição de 1499-1500, nem na própria *Lettera*, nem na carta autêntica de 18 [28] de julho. Davies afirma — como de costume, sem dar nenhuma prova — que Vespucci se aproveitou da experiência de Juan de la Cosa, o qual, na segunda viagem de Colombo, havia calculado 800 léguas das Canárias à ilha Domínica, e afirma também que no mapa de La Cosa a distância das Canárias à Punta Gallinas é avaliada em 100 milhas. Todavia, êste último dado deve ser eliminado, quanto mais não seja pelas razões acima citadas; e quanto à possibilidade de ter Vespucci utilizado o cálculo feito por La Cosa em novembro de 1493, seria preciso supor que conhecesse, ou pudesse avaliar, também a distância da ilha Domínica ao Cabo da Vela, isto é, um elemento para o qual lhe faltava, evidentemente, qualquer experiência.

O dado de 1000 milhas para a distância das Canárias à primeira arribada ocidental da suposta “primeira” viagem na *Lettera al Soderini* tem ao contrário, provavelmente, uma origem muito mais simples. O compilador desta última, como agora está demonstrado, teve sob os olhos pelo menos a muitas vêzes lembrada carta autêntica de 18 [28] de julho; ora, nesta, a distância de Cádiz à primeira arribada em terra americana é computada em 1300 milhas, das quais 300 correspondem ao trecho de Cádiz aos Açores, que é mais ou menos idêntico ao de Cádiz às Canárias (na *Lettera al Soderini* êste último percurso é avaliado em 280 milhas),

Chegamos ao ponto mais importante: o cálculo das longitudes. Ainda aqui, Davies não tem escrúpulo em abeberar-se indiscriminadamente nas cartas autênticas e nas apócrifas, misturando ao mesmo tempo os dados das duas primeiras viagens da *Lettera al Soderini*. Produz uma cerebrina reconstrução da viagem autêntica de 1499-1500, de acôrdo com a sua idéia fixa de que o ponto extremo nela atingido coincide com a Punta Gallinas.

Sem acompanhar a Davies na sua confusa e complicada argumentação, bastará que nos detenhamos a procurar fixar o ponto em que Vespucci tentou a famosa determinação da longitude, baseando-se pela primeira vez no método das distâncias lunares, ou seja na diferença entre o meridiano local e o inicial, da conjunção de um planeta (Marte) com a lua.

Na carta de 18 [28] de julho, Vespucci diz que esta determinação foi tentada a 23 de agosto de 1499; trata-se, pois, de calcular, com base nos dados da própria carta, onde se encontrava êle naquela data. Já Hugues e H. Wagner haviam suposto que Vespucci estivesse então, respectivamente, nas paragens do Cabo da Vela, ou à entrada do Gôlfo de Maracaibo; e Davies, sem sequer citá-los, faz a mesma coisa, trazendo à baila, mais uma vez,

a Punta Gallinas. Segundo êsse último autor, a cronologia da viagem deveria reconstituir-se da seguinte maneira:

Arribada ao Novo Mundo	27 de junho 1499	fonte L.S. (<i>Lettera al Soderini</i>)
Gôlfo de Maracaibo	23 de agosto	
Cabo da Vela (chegada)	10 de setembro	fonte L. S.
” ” (partida)	27 de outubro	
Haiti (chegada)	3 de novembro	fonte L. M. (Carta autêntica)
” (partida)	17 de janeiro 1500	fonte L. S.
Açòrs	17 de abril	fonte L. S.
Cádiz (chegada)	18 de junho	

E' apenas necessário repetir que não podemos colocar no mesmo plano os dados da *Lettera al Soderini* e os da carta autêntica de 18 [28] de julho ao Medeci; e menos ainda o pôde Davies se, mesmo atribuindo a primeira a Vespucci, reconhece-a inquinada de uma patente falsificação. Repitamos que, uma vez admitindo que Vespucci tenha podido inventar propositadamente uma viagem inexistente, com uma voluntária alteração de data, como se pode dar fé a tudo mais que o mesmo escrito contém? Quem nos garante que outras falsificações, outros ardis, outras alterações de datas, não se escondem na parte relativa às três viagens restantes, e de modo especial à “segunda”, que, sempre no dizer de Davies, forma uma só com a “primeira”? Evidentemente, mesmo se tudo que resta da *Lettera al Soderini* concordasse substancialmente com os dados que nos são fornecidos pelos três documentos florentinos, sem dúvida autênticos, sentir-nos-íamos sempre no dever de servir-nos, de preferência, dêstes últimos, concedendo a tudo que se lê na primeira um grande desconto.

Em segundo lugar, é fácil observar que a identificação do porto em que, de acôrdo com a *Lettera al Soderini*, a expedição de 1499-1500 se deteve quarenta e sete dias, com o Cabo da Vela, é de todo arbitrário, e além disso improvável, posto que Vespucci se dirigiu sem dúvida, como se tem dito, um tanto ao ocidente daquele ponto. Na base da carta de 18 [28] de julho, resulta que o navegador florentino pôs a proa para o Haiti depois de ter exatamente ultrapassado a península de Guaira.

Eliminados assim os dados tirados da *Lettera* apócrifa, não nos resta senão confiar no único documento indubitavelmente genuíno: o qual diz expressamente que a navegação teve lugar entre julho e setembro, mas que nos dois primeiros meses se realizou “sobre a linha equinocial, à distância dela de cêrca de 4 ou 8 graus”, numa zona, acrescenta, onde a diferença entre o dia e a noite

não se sentia, e tanto o dia quanto a noite eram iguais, que muito pouca era a diferença”. E’ mais do que provável, pois, que se trate de latitude boreal, porque Vespucci, depois de haver subido inútilmente o Amazonas, que está sobre o equador, e depois de se ter dirigido para o S. até 6° ou 6° 30’, não parece ter-se demorado em lugar algum, e o obstáculo da corrente da Guiana deve tê-lo induzido a voltar quase imediatamente para o N. (18).

De tudo quanto vimos expondo se deduz, pois, que é impossível identificar com segurança o ponto em que se realizou a determinação de longitude de 23 de agosto de 1499; tudo quanto sabemos pela única fonte aceitável é que Vespucci a realizou entre 4° e 6° N., vale dizer, ao largo das costas das Guianas, e em todo caso não certamente a uma latitude tão elevada como a de Punta Gallinas (12° 15’ N.).

A esta conclusão nos conduz o estudo dos dados, diremos, descritivos da viagem de 1499-1500; mas o problema tem sido enfrentado também partindo dos resultados da observação astronômica, a qual deu a Vespucci, como é sabido, uma longitude de 82° 30’ a O. do meridiano de Cádiz. Com tal distância iríamos dar a um ponto do Pacífico, colocado mais ou menos a 7° a O. das Galápagos. O resultado tem dado origem a numerosos comentários e a igualmente numerosas interpretações, que julgamos inútil passar em revista. Deve-se, todavia, recordar, como dissemos, que já o nosso Hughes julgava poder situar o local da observação nas paragens do Cabo da Vela, na costa ocidental da Venezuela, a 72° O. de Greenwich, e portanto a 65° 30’ de Cádiz, de modo que o erro de cálculo se reduziria a 17°; ao passo que Magnaghi propunha, por via de todo em todo paradoxal, a hipótese de que o meridiano ao qual se referia Vespucci, fôsse o de Ferrara, mas que no decurso de uma carta familiar o tivesse confundido com o de Cádiz. Ora, como Ferrara está a cerca de 18° mais ao oriente de Cádiz, o erro se anularia inteiramente. E’ verdade que Magnaghi põe, corretamente, por hipótese, o ponto da observação em 6° N. — portanto perto da foz do Rio Corentyne, nos limites entre as Guianas holandesa e francesa — como aquêle em que se teria o caso mais favorável para uma redução do erro, mesmo ficando nos limites de latitude fixados pelo texto da carta de 18 [28] de julho; mas êle mesmo é o primeiro a reconhecer que é difícil tenha Vespucci feito aquela confusão entre os meridianos iniciais, tão cômoda aos críticos para resolverem facilmente um espinhoso problema (19).

De qualquer modo, êsses dois precedentes são aqui relembrados porque nos dão a chave da “tese” de Davies, da qual cons-

(18). — Cf. A. MAGNAGHI — *Vespucci* cit. p. 166.

(19). — Cf. A. MAGNAGHI — *Vespucci* cit. p. 167. Deve ter-se em conta também tudo quanto o mesmo autor escreveu no seu mais recente trabalho *Una supposta lettera inedita de Amerigo Vespucci sopra il suo terzo viaggio* cit. pp. 624 e seg.

tituem a base conceitual. Davies, de fato, raciocina assim: no fim da carta de 18 [28] de julho, Vespucci diz que o ponto extremo por êle atingido em 1499-1500 é colocado em 84° O. de Cádiz; ora, pois que da relação da primeira viagem na *Lettera al Soderini* se deve entender que êste ponto, ali indicado como a 75° O. das Canárias e a 16° N., coincide com a região do Cabo da Vela, os 82° 30' calculados em 23 de agosto de 1499 nos levam à Punta Gallinas, que se acha a 2° 30' E. da precedente localidade. Assim tudo fica no seu lugar: Punta Gallinas está a 65° O. de Cádiz; Cádiz a 17° 30' de Ferrara; e Vespucci, na famosa tentativa de determinar a longitude pelo sistema das distâncias lunares, simplesmente confundiu o meridiano de Cádiz com o de Ferrara.

Esta solução, porém, que parece tão adequada, peca pela excessiva simplicidade, como a gratuita suposição de que tenha sido o próprio Vespucci que inventou a suposta viagem de 1497-1498, que Davies quer dar a entender tenha sido realizada, na intenção do falsário, em direção inteiramente oposta àquela postulada no texto da *Lettera al Soderini*. Se não há dúvida de que o desconhecido falsário tirou os elementos relativos às duas supostas viagens por conta da Espanha das cartas autênticas de Vespucci, seria, todavia, tarefa inútil procurar uma concordância entre estas últimas e a carta apócrifa. O material que na carta de 18 [28] de julho se refere à viagem realmente realizada por Vespucci, vem de fato distribuído, na *Lettera al Soderini*, em duas viagens distintas, de maneira que as datas, os episódios, as descrições e as minúcias não se seguem na ordem que tenham no documento genuíno, mas naquela que o falsário julgou oportuno ou necessário para dar ao conjunto aparência de autenticidade. Um exemplo: das duas supostas viagens por conta da Espanha, a "primeira" se inicia a 10 (ou 20) de maio de 1497, e se conclui a 10 de outubro de 1498; a "segunda" inicia-se a 16 de maio de 1499 e termina a 8 de setembro de 1500, mas, de acordo com a carta autêntica, as datas extremas correspondentes são 18 de maio de 1499 e junho de 1500. Na "primeira" viagem, as navas partidas das Canárias chegam ao Novo Mundo depois de 37 dias, na "segunda" empregam 20 (ou 44!) dias; partindo das ilhas do Cabo Verde, ao invés, segundo a carta autêntica, da Grã-Canária ou de Gouçera, os dias de viagem são 24. Nestas condições, como é possível estabelecer uma "tabela" de marcha, saltando propositadamente de uma à outra fonte? Se as duas viagens da *Lettera al Soderini* se desdobram de uma só viagem autêntica, esta em qual das duas está refletida, na "primeira" ou na "segunda"? Varnhagen, Vignaud, Levillier, e outros antes deles, eram constrangidos, por considerarem genuínas tôdas as cartas atribuídas a Vespucci, e baseando-se no texto da *Lettera al Soderini*, a colocar o itinerário da "primeira" viagem na América Central e Setentrional; assim, para êles o problema da conciliação entre as duas fontes dife-

rentes se resolvia colocando de acôrdo o “segundo” tempo da *Lettera al Soderini* com a carta de 18 [28] de julho. Mas para Davies as coisas são diferentes, do momento em que também o “primeiro” tempo nos deveria conduzir de novo ao itinerário do “segundo”. Seria de esperar, portanto, que êle dissesse alguma coisa a respeito; mas, em lugar disso, é preciso constatar que êle prefere o sistema mais cômodo de passar por cima disso com desenvoltura, como se a questão — que é absolutamente basilar do ponto de vista metodológico — nem sequer existisse.

Segue-se daí que tôda a sua aparente reconstrução da viagem de 1499-1500 é fundada em areias movediças. O dado de 16° N. e 75° O. das Canárias nada tem de comum com o Cabo da Vela, pela simples razão que representa um elemento fictício inserto pelo falsário a quem se deve a *Lettera al Soderini*; e inserto exatamente porque, desdobrando a única viagem autêntica de 1499-1500, era-lhe cômodo fazer partir a fingida “primeira” expedição mais ou menos de onde havia feito terminar a “segunda” (20). O falsário sabia muito bem que tinha à sua disposição sô os elementos relativos ao itinerário efetivamente percorrido por Vespucci; e por isso, querendo inventar uma viagem realizada dois anos antes — para contrapô-la à terceira viagem de Colombo — foi constrangido a transportar Vespucci para longe das regiões visitadas em 1499-1500, fazendo-o navegar numa zona que não pudesse ser confundida com aquelas, e por isso com um rumo inteiramente diferente da direção que o navegador florentino havia tomado na sua única autêntica viagem por conta da Espanha. Daí o “nordeste” que deu tanto pano para mangas aos críticos empenhados em prestar fé à autenticidade da *Lettera al Soderini*; mas se se tira esta indicação genérica, a carta não contém nenhum outro dado astronômico e prefere fazer uso de elementos genéricos, vagos e voluntariamente imprecisos, que têm pôsto à dura prova a paciência dos estudiosos.

Insistindo, como insiste, sôbre a patente derivação de alguns dados da “primeira” viagem da *Lettera al Soderini* da carta de 18 [28] de julho e mesmo da outra de 1502, de Lisboa, também autêntica, Davies não faz outra coisa senão repetir coisas mais do que sabidas; mas depois reforça o significado desta constatação até o ponto de pretender que fôsse intenção de quem criou aquela falsa “primeira” viagem fazê-la parecer, salvo a única data, como pura e simples duplicata da “segunda”. O que contrasta, como vimos, com o texto da *Lettera al Soderini*, mas contradiz também o bom senso: é evidente que, se assim fôsse, os leitores per-

(20). — Cf. A. MAGNAGHI — *Vespucci* cit. pp. 132 e seg. A interpretação de Davies, é, pelo contrário, assaz vaga: “O 16.° N. é mais ou menos idêntico ao 15.° N. (um êrro de 2 1/2 de Vespucci)”.

O êrro seria, referido a Punta Gallinas, de 3°45' com o primeiro dado, de 2° 45' com o segundo.

ceberiam logo que um itinerário não fazia senão reproduzir o outro, ainda que em sentido inverso.

Trata-se, é claro, de um raciocínio muito simples, mas Davies não tem tempo para fixar sua atenção sôbre isso; anseia por chegar à conclusão, que é feita — *more solito* — em tom peremptório e afirmativo: “Levillier sustenta que não há prova de mentira na “primeira” viagem, e que esta pode ser admitida”, (sim, mas com esta diferença: para Levillier a viagem é autêntica, ao passo que Davies a considera uma falsificação realizada pelo próprio Vespucci!) “Ele sustenta, corretamente, que uma falsa pretensão de Vespucci, de ter costeado e descoberto territórios de Honduras até à Virgínia teria sido contestada na Espanha. Mas semelhante pretensão não foi apresentada, e portanto não houve contestação; e por não ter havido tal pretensão, muito menos houve, naturalmente, algum registo de descobertas semelhantes da América Central e Setentrional devidas a Vespucci nos anais espanhóis”.

Mas difícil seria demonstrar que o govêrno espanhol conhecesse intempestivamente, ou, conhecendo-as, dêsse valor testemunhal a obrasinhas como o *Mundus Novus* e as *Quattuor navigationes*. De qualquer maneira, o argumento nada prova, nem mesmo do ponto de vista de Davies: de fato, nas últimas linhas do seu artigo, êle sustenta que a falsa “primeira” viagem vespuciana “estabelecia a prioridade da descoberta em favor do Rei de Castela”, e que exatamente por isto não sòmente foi admitida pelo Rei da Espanha, mas ainda ajudou a Vespucci a entrar para o serviço dos espanhóis. E’ verdade que Davies queria dar a entender que esta “primeira” viagem fôsse concernente à “contestada terra de ninguém do Amazonas” e que por isso Vespucci não tinha com ela perturbado em nada os direitos legais de Colombo”, mas, como se viu, exatamente de uma viagem na região de Pária poderiam ter advindo prejuízos para aquêles direitos; portanto esta, e exatamente esta, teria sido uma razão para que o govêrno espanhol se interessasse nela, na hipótese de que se pudesse interessar de verdade por publicações do caráter do *Mundus Novus* e da *Lettera al Soderini*.

Mas o mais bonito vem depois. “Não há, na realidade, nem mistérios nem falsificações da parte de Vespucci nas suas pretensões, com a única exceção da data, 1497-1498. Êste foi um inócuo ardil (*harmless deception*) que não ofendeu a ninguém na Espanha até que Las Casas, sob a influência da ação movida pela Corôa espanhola contra a família de Colombo, de 1513 em diante, imaginou, após a morte de Vespucci em 1512, que êste houvesse querido reivindicar uma prioridade com relação a Colombo. Levillier mostrou que Vespucci jamais contestou a prioridade legal e comercial (?), nem os privilégios de Colombo; êle não teria

podido fazer isto, a julgar pelas patentes concedidas a Hojeda em 1501.

Não é fácil reunir em tão curto espaço tantas e tão peremptórias afirmações, nenhuma das quais resiste à joeira da crítica.

Começamos por eliminar, antes de tudo, as patentes deixadas a Hojeda. Estas, ao menos no que se refere a Vespucci, nada provam: tudo que delas se tira é que Hojeda foi encarregado de ir tomar posse de uma terra que êle havia descoberto, com o fim de impedir a expansão dos inglêses, dos quais se tinha agora notícia. Mas os têrmos da patente são absolutamente vagos (“aque-la costa que tendes descoberto, que corre a Oriente e a Ocidente”), e a menção que se faz à expansão inglêsa faria pensar que se alude a territórios situados mais ao N. da região de Pária. Nunca tendo visto o original do documento — se é que se trata de um original — não posso dizer a fé que merece, mas se êle se identifica, como não me parece duvidoso, com aquêle já tornado notório por Navarrete, valem para êle as reservas genéricas e específicas já feitas por Magnaghi (21).

Quanto a Levillier, pois, a afirmação que lhe é atribuída significa ainda menos. Para aquêles que, como quem escreve estas notas, estão firmemente persuadidos do caráter apócrifo da *Lettera al Sodderini*, o sempre recorrente problema do contraste entre os “direitos” de Colombo e as “pretensões” de Vespucci nem sequer existe. Mas compreende-se e justifica-se o problema, quando se admite a autenticidade daquele documento, do qual aquêle conflito se origina e desenvolve. Por isso a genérica negação de Levillier — aprioristicamente proclamada a despeito de infinitas provas concretas em contrário aduzidas — torna a entrar entre os muitos vôos oratórios de que está cheio o seu livro. E com os vôos oratórios o mais que se pode fazer são apologias; nunca, porém, História.

Resta a estranha definição da falsidade atribuída a Vespucci, que para Davies não passa de uma brincadeira de rapazes, um divertimento inocente, e até um procedimento lícito para um fim recomendável, se, na opinião dêste senhor, serviu aos interesses particulares do Florentino, se não aos do govêrno espanhol. Uma simples troca de data: quem podia ressentir-se com isso? Se se tratasse dos títulos de Colombo, ai dêle! Mas estavam em jôgo os de Pacheco; e a coisa não podia apresentar nenhuma importância. E' mais que sabido, porém, que entre os argumentos aceitos contra a precedência de Vespucci sôbre Colombo na descoberta do “continente” americano, um dos mais decisivos foi sempre êste: tivesse havido um desembarque de Vespucci na terra de Pária em 1497, a corôa espanhola ter-se-ia certamente imiscuido no processo que os herdeiros de Colombo intentaram contra o Fisco, pa-

(21). — Cf. A. MAGNAGHI — *Vespucci*, cit., p. 157.

ra reentrarem na posse dos direitos do pai; e da mesma forma é mais que sabido que em nenhum dos testemunhos recebidos na causa, nem naqueles a favor do Fisco, fala-se sequer de semelhante desembarque de Vespucci na terra de Pária em 1497. Dêste modo, Vignaud — um dos que acreditavam na autenticidade da *Lettera al Soderini* — sustenta que aquela precedência não pôde manter-se no processo, exatamente porque Vespucci havia arribado, na sua “primeira” viagem, a Lariab e não a Pária, isto é, nas Honduras e nas regiões adjacentes da América Setentrional, sobre as quais os herdeiros de Colombo não podiam suscitar qualquer pretensão (22). Agora, porém, os papéis se invertem: somente, se Vespucci tivesse estado em Honduras e nos territórios a NO. desta teria havido, segundo Davies, colisão com os direitos de Colombo! Sendo de entender, ao contrário, como temos visto, que mesmo o itinerário da “primeira” viagem nos leva à terra de Pária, os interesses de Colombo já não estão em jôgo, e quando muito se pode pensar numa viagem que talvez tivesse sido realizada pelo português Pacheco! E o processo do Fisco, no qual sempre se fala na terra de Pária? Eis a que... extravios se pode chegar, quando se penetra num beco sem saída!

Mas dêstes... extravios, e bem mais graves, dá provas o “ensaio” de Davies. Na realidade seria de admirar, como dissemos, que êle pudesse concordar com Levillier — que nenhum traço de mendacidade existe na *Lettera al Soderini* — quando sustenta que esta “primeira” viagem é inventada propositadamente. Mas a explicação do *puzzle* não é difícil: ainda aqui Davies não faz outra coisa senão desenvolver, no fundo, ou melhor, dar-lhe outra roupagem, uma hipótese de Levillier, que vale a pena referir. Depois de ter afirmado que na carta de 18 [28] de julho de 1500 estão confundidos e misturados os itinerários das duas supostas viagens realizadas por Vespucci por conta da Espanha, êste autor escreve que “talvez Vespucci houvesse recebido do Rei, numa época como esta, na qual a navegação para o Ocidente era um monopólio concedido a Colombo, a ordem de permanecer no vago (*envaguecer*) quanto aos fatos, dissimular a primeira data (isto é, a da suposta viagem de 1497) e reduzir a uma as duas viagens.

(22). — Ver a êste propósito A. MAGNAGHI — *op. cit.*, pp. 141-142 que assim conclui justamente: “Se durante o processo do Fisco (também na Junta de Badajoz, 1515), quando corriam numerosas edições latinas da *Lettera*, e quando Fernando Colombo tinha como colega Giovanni Vespucci, sobrinho de Amerigo, não se tem em conta o *Páris da Lettera*, se a esta nunca se refere Pedro Martir, se Oviedo, amigo de Colombo, não faz nenhuma censura a Vespucci, é lógico tirar de tudo isto uma conclusão: nem o Fisco julgou dever valer-se dos elementos fornecidos pela *Lettera*, nem os amigos e parentes de Colombo sentiram a necessidade de impugná-la, porque aquêlle documento não se dava nenhum valor oficial, sendo considerado *apócrifo* por gente que discutia interesses reais; e não era para dar-lhe maior peso do que o que agora poderia dar aos mapas divulgadores de Waldseemüller ou aos Globos de Schöner. De outros elementos estariam em condições de valer-se as duas partes em luta, que não de uma *Lettera* compilada com a finalidade de vulgarização, cheia de dados vagos e de contradições; a *Casa de Contratación* terá tido em seus arquivos documentos bem diferentes”.

Vespucci obedeceu ao mandato, escrevendo ao Medici. Na *Lettera al Soderini*, em 1504, já não existiam tais escrúpulos, e deu a cada viagem a data exata. Isto não passa de conjectura; mas é fato que ali (isto é, na carta de 18 [28] de julho) se lêem as descrições de duas viagens, assim como nas cartas de 1501, 1502, 1503, posteriores à de 1500 e anteriores à de 1504, Vespucci alude a duas viagens suas para Castela” (23).

Quisemos citar por extenso o trecho de Levillier, também para dar ao leitor uma nova prova do “sentido crítico” dêste autor, e da maneira por que, finalmente, se pode “llegar a conclusiones con pruebas manifiestas”! (24). Mas aqui, ainda mais, impõe-se nos repetir de outro modo a pergunta já feita: se todo o engano se reduz, segundo Davies, à data, e a “primeira” viagem fictícia corresponde à efetivamente realizada por Vespucci dois anos depois, a que corresponde, pois, a “segunda” viagem da *Lettera al Soderini*?

Sobremodo surpreendente deve parecer tudo quanto Davies desejaria fazer crer quanto ao comportamento dos dois governos interessados, o português e o espanhol, diante dêste “ardil” banal atribuído a Vespucci.

Quanto a Portugal, no entanto, uma vez que Vespucci entrou ao serviço dêste país, o mais tardar em maio de 1501, o único modo de dar qualquer sentido à hipótese de Davies seria, se isso fôsse possível, o de supôr que o Florentino houvesse querido ou perdido “blefar” seus hospedeiros no período que vai de agosto de 1500 aos primeiros meses de 1501 (25), e não depois, certamente; de fato, depois de realizada a sua grande segunda viagem, êle

(23). — Cf. R. LEVILLIER — *Americo Vespucci. El nuevo mundo* cit., pp. 79-80.

Quanto à afirmação que em cada uma das duas cartas autênticas de 4 de junho de 1501 e de 1502 (de Lisboa) Vespucci alude a duas (o grito é de Levillier) viagens realizadas por conta da Espanha, teria sido necessário dar prova disso. A afirmação é destituída de qualquer fundamento, como todos os leitores poderão verificar: ela deriva de uma passagem do *Mundus Novus* (ed. Levillier, pp. 192-193, arbitrariamente interpretada por Levillier; cf. *El nuevo Mundo*, cit., p. 80).

(24). — Basta. De Magnaghi se diz que, para defender Vespucci, “propone un sistema por el cual, no solo se excluyen las dos cartas mas antiguas y mas conocidas suyas (como se por serem mais antigas, o que, aliás, não é nem mesmo verdade, e mais conhecidas, queira dizer, sem mais nada, que sejam autênticas!) sino que además se ha de desconocer la realidad de dos de los viajes, siempre porque si, para apaciguar adversarios (!?) cuyos argumentos usa a veces (um adversário não pode ter fornecido argumentações aceitáveis?), ahora en que él tambien alega falsedades (por que não diz quais são?), para repudiar auténticos hechos y relatos. La obra de Magnaghi lo demuestra: no llega a esas conclusiones por pruebas manifiestas de que no tuvieron lugar (!) ni por atestaciones fidedignas de que las cartas eram repudiables (já vimos de que argumentos dispõe, ao invés, Levillier!); no las desprende de un minucioso y recto análisis de las cartas (que graça!), de los viajes y de los mapas, sino de un plan arbitrario destinado a favorecer a toda costa — a costa de la historia americana — la fama de Vespucci, retirando de la circulación los hechos y los testimonios más odiados por los adversarios, para alfin desarmarlos. Semejante “mezzo” es improprio de un historiador”; op. cit., pp. 21-22.

(25). — Como é sabido, Vespucci estava em Sevilha, de volta da sua primeira viagem, a 10 (28) de julho de 1500, data da sua primeira carta autêntica, e partiu para a segunda no dia 13 de maio de 1501. No dia 8 do mesmo mês estava em Lisboa, já pronto para zarpar: é evidente que a preparação dêsta empresa teria exigido pelo menos alguns meses.

não teria tido, realmente, nenhuma necessidade de usar de vias travessas para aumentar sua fama naquele país. Mas a *Lettera al Soderini* utiliza também elementos recolhidos nessa viagem; portanto, deve-se excluir imediatamente que o “truque” imaginado por Davies tivesse servido para alguma coisa.

Ccmo vem a talho de foice, queremos repetir que não se compreende que sentido possa ter as observações de Davies, a de serem a *Lettera al Soderini* e o *Mundus Novus* posteriores ao ano de 1502. A afirmação é tão exata quanto a de quem dissesse que Cook veio depois de Colombo: bela descoberta! E' preciso subir ainda mais essa data. O proêmio da *Lettera* prova, de fato, por si mesmo (mas quando se quer, pode ser diferente) que ela foi, não dizemos composta, mas também concebida, quanto mais cêdo, em tôrno da data que traz, setembro de 1504, e não antes, isto é, depois da suposta “quarta” viagem; por isso também a idéia da “primeira” viagem está referida ao mesmo período. Disso se deduz legitimamente que para fazer permanecer de pé a estranha hipótese de Davies, seria preciso supor que Vespucci tivesse preparado para Portugal um “ardil” inteiramente diverso do da *Lettera al Soderini*, mas... e as 870 léguas de que fala Davies, destinadas a dar-lhe, por fim, o desejado prestígio? Em verdade, não vemos saída para tal confusão, a menos que se não queira sustentar que Vespucci, nos primeiros meses de 1501, pudesse gabar-se perante o govêrno português dos resultados de uma viagem... iniciada alguns meses depois e terminada no ano seguinte!

Basta. Se o “ardil” devia servir para “defraudar” (esta é a palavra justa) os eventuais direitos pertencentes a Duarte Pacheco, por uma viagem empreendida por ordem do Rei de Portugal, como poderia exatamente o Rei de Portugal aceitar por boa esta... *harmless deception*? Sem mencionar que não deixaria de parecer extremamente ingênuo supor que o govêrno português não sabia agir de maneira melhor, senão confiar em afirmações dos interessados, e interessados capazes de recorrer às mais patentes mentiras? Imagine-se que, para ter notícia de uma expedição marítima, tanto mais relativa a um setor como o percorrido por Vespucci, na sua primeira emprêsa autêntica, os responsáveis pela política portuguesa tivessem necessidade de esperar as luzes de publicações editadas, por encomenda, na Itália, na Alemanha e na França... sete, dez, vinte, trinta anos depois dos acontecimentos!

Isto vale como razão maior em tudo quanto concerne às relações de Vespucci com a Espanha. Se o “ardil” é — como diz Davies — posterior a 1502, quando Vespucci ainda estava em Portugal (de nenhum documento se deduz que já tivesse voltado à Espanha) é de perguntar-se qual a finalidade visada por semelhante velhacaria.

Sua fama — já se disse — estava agora apoiada num pedestal muito sólido, para que houvesse necessidade de... compro-

metê-la com uma ação pouco limpa. As 870 léguas postas juntas pelo cômputo muito fácil de Davies, eram, na verdade, bem pouca coisa diante das emprêsas realizadas em duas expedições que haviam levado a Vespucci a explorar tôda a costa atlântica do Novo Mundo, de 10° N. até 50° S.! Demais, supor que na *Casa de Contractación* ninguém se deu conta do “truque”, quando depois esta discutidíssima “primeira viagem” era apresentada como realizada por ordem e nos navios do Rei Fernando, significa não já apresentar hipóteses plausíveis, mas colocar-se fora da verossimilhança e da lógica mais elementares. Davies, porém, não tem escrúpulo em chegar ao ponto de imaginar que até mesmo os resultados desta falsa viagem levaram o govêrno espanhol a favorecer a “carreira” do Florentino no seu serviço de Estado; chegar-se-ia, assim, diretamente a esta conclusão — não sei se mais paradoxal ou ridícula — de que ao comando do departamento talvez mais delicado e importante de todo o govêrno espanhol, isto é, a *Casa de Contractación*, teria sido elevado um falsário, e em virtude de uma falsidade cometida sob as insígnias, e às barbas daquele govêrno! (26).

Teríamos terminado, se não julgássemos oportunas algumas outras considerações, desta vez de caráter metodológico, mesmo que não fôsse para tornar claros os motivos que tornam possíveis “ensaios” dêste gênero.

Há, de fato, no artigo de Davies, um período cujo êxame reservamos para o fim. Diz êsse período: “O principal argumento de Magnaghi para insistir (na opinião) que Vespucci não teve parte na publicação da *Lettera (al Scderini)* é que êle jamais teria sido feito *piloto mayor* da Espanha se não se tivesse dissociado a si mesmo da pretensão de haver feito uma viagem ao redor da América Central e Setentrional em 1497. Mas a *Lettera* não apresentava tal pretensão; a sua única ficção principal era a de falsificar a data da viagem de 1497-1498. Magnaghi pôs em relêvo o mau italiano e os hispanismos da *Lettera al Soderini*, e sustenta que esta é uma falsificação, feita em Florença, por um amigo de Vespucci, a Lourenço (di Pier Francesco de’ Medici). Mas isto não explica o mau italiano, que faz pensar num autor italiano que houvesse permanecido em Espanha por alguns anos. Vespucci ali viveu de 1491 a 1501” (27).

(26). — Depois de terem excogitado semelhantes “achados”, os novos críticos se admiram de que se pudesse — e com quanta razão! — observar: “Mas que figura teria feito Vespucci, *piloto mayor* de 1508 a 1512, exatamente os anos em que o processo (do Fisco) foi encaminhado com maior encarniçamento, se êle fôsse um falsário? Nem V. Yanez Pinzón teria ousado, um ano após a morte de Vespucci, se êste tivesse efetivamente realizado a viagem de 1497, na presença de Giovanni Vespucci, afirmar que êle e Solis haviam sido os primeiros a explorar em 1508 Honduras e o Yucatan. E Fernando Colombo, onde defende a memória de seu pai contra as pretensas descobertas de Pinzón-Solis, teria aproveitado a ocasião para desmentir também a suposta viagem de Vespucci”, como se lê na obra de A. MAGNAGHI. Vespucci, cit., p. 143.

(27). — Cf. A. DAVIES — *op. cit.*, p. 337.

Pois bem: se não bastassem as observações precedentes, êste período, por si só, revela claramente que Davies não leu bem a obra de Magnaghi, ou, se a leu, não a compreendeu, e revela, ao mesmo tempo, que êle tem uma idéia bem curiosa daquilo que se chama “método” crítico.

Não leu bem a obra de Magnaghi, como evidentemente não a leu bem Levillier. Ambos êstes autores firmam-se apenas em algumas frases, com freqüência em um só argumento, e julgam, desembaraçando-se dêles com poucas palavras, terem resolvido todos os problemas vespucianos (28). O argumento que Davies extrai como o mais importante (*main*) entre os adotados por Magnaghi para demonstrar ter sido inventado propositadamente a famosa viagem de 1497-1498 é, quando muito, uma observação casual: na obra dêste autor são, de fato, destinados a tal assunto pelo menos três capítulos inteiros (IX-XII, pp. 119-160), nos quais não sòmente se passam em revista grande quantidade de provas e documentos, mas procura-se demolir sistemáticamente, uma por uma, tôdas as argumentações, sem excluir nenhuma, aduzidas em contrário. Em verdade, poderia parecer que não fôsse sequer necessário insistir neste tema, do momento em que o próprio Davies é constrangido a reconhecer que Vespucci jamais realizou tal viagem; mas, como às vêzes acontece, um resultado substancialmente certo pode derivar de um cálculo errado no todo ou em parte.

Davies não pode deixar de admitir que a autenticidade da viagem não se concilia com o fato de que o texto, em que se apoia, é construído pondo juntos passos tirados das sucessivas “segunda” e “terceira” viagens da tradição; mas tal admissão não infirma para êle a validade dêste último, antes a confirma, no sentido de que, salvo a data, o conteúdo daquela viagem permanece perfeitamente fidedigno. Tanto isto é verdade que Davies o utiliza ao mesmo título que a carta autêntica de 18 [28] de julho. Ora, se não há dúvida de que a demonstrada origem composta do texto relativo é já de per si prova suficiente da sua natureza apócrifa, não é menos verdadeiro que existem provas de outra espécie, as quais obrigam a concluir ser, o próprio texto, obra de um falsário que não pode identificar-se com Vespucci. Não só isto, mas a quantidade e o pêso dessas provas induzem a pôr em discussão todo o conteúdo da *Lettera al Soderini*, que resulta igualmente apócrifa —

(28). — A êste propósito, seja-me permitido fazer uma suposição, que explicaria bem êste dado de fato: é provável que Davies não tenha suficiente prática da língua italiana.

A suposição é apoiada por tudo quanto, ao seu artigo (p. 337) se diz do meu trabalho: *I problemi vespuciani e i loro recenti studiosi cit.* Êste trabalho não tem realmente o escopo de defender “stoutly” os pontos de vista de Magnaghi, como se lê em Davies, mas tenta esboçar uma história daqueles problemas até o mais recente estudioso, Levillier, e demonstra — se os documentos têm algum valor — que a própria base da obra de Levillier não resiste a um atento exame crítico. E’ evidente que Davies não penetrou o sentido daquele trabalho, com tôda a probabilidade percorreu apenas superficialmente, ou tomou conhecimento talvez sòmente na sua primeira parte.

mesmo com o apóio de outras não menos numerosas e peremptórias argumentações — e quem, como Davies, não concorda com esta dedução, não pode desembaraçar-se, ignorando tudo quanto aquê-le que o precedeu se esforçou por demonstrar.

A demonstração de Magnaghi se refere:

1.^o — às dúvidas de ordem cronológica que se opõem à admissão de uma viagem realizada por Vespucci em 1497-1498, porquanto ela não se pode reenquadrar (como alguns autores tentaram fazer) em nenhuma das expedições notáveis daquele período; não pode ter sido uma viagem clandestina (opinião de Varnhagen); não pode coincidir com a viagem de Pinzon-Solis e Honduras, deslocada para êsse fim de 1508 a 1497-1498 (tese de Fiske, retomada por Pereira e depois por Levillier); e por fim encontra um obstáculo, impossível de vencer, no notório *álibi* apresentado por Humboldt, do qual se confirma a validade. Esta matéria ocupa o cap. IX (pp. 119-129).

2.^o — às dúvidas de outra natureza, especialmente geográfica: entre outras, os dados das coordenadas da suposta arribada, e as suas propostas correções; as indicações de rumo e o andamento do períplo como é descrito pelo texto; o valor que se deve dar ao topônimo Lariab; o número de léguas percorridas; a distância atribuída ao trajeto do continente a Haiti; o episódio dos sete selvagens desta ilha; a pretensa descoberta de Pária um ano antes de Colombo; e a tentativa de descobrir na cartografia contemporânea os reflexos da falsa viagem (cap. X, pp. 130-146).

3.^o — à impossibilidade de resolver o problema supondo um erro de transcrição nas datas, de maneira a identificar a “primeira” viagem da *Lettera al Soderini* com a de Hojeda, de 1499-1500. E isto com contradição com a argumentação de D’Avezac, de Hughes, de Vignaud, de Humboldt, etc., que são sucessivamente examinadas, para chegar às seguintes conclusões: a) Vespucci não havia, antes de 1499, participado de expedições transoceânicas por conta da Espanha; b) a única autêntica viagem em navios espanhóis é a descrita na Carta de 18 [28] de julho de 1500 ao Medici; c) esta viagem coincide com a de Hojeda, do qual, aliás, depois da arribada a um ponto da Guiana, Vespucci se separou, prosseguindo por sua conta, enquanto Hojeda, deixando o Novo Mundo em 30 de agosto, reentrava em Haiti já no dia 5 de setembro de 1499 (cap. XI, pp. 146-160).

Isto basta. Êstes três capítulos representam, podemos assim dizer, a contribuição mais estritamente científica ao problema da “primeira” viagem tradicional; mas êles são precedidos, como é justo, do exame de tudo quanto se refere ao problema mais geral das fontes, no qual entra, naturalmente, a tão discutida *Lettera al Soderini*. Pois bem: a esta exigência fundamental (fundamental no sentido etimológico da palavra!) são dedicados bem outros oito capítulos, num conjunto de mais de cem páginas, das quais mais da

metade tratam exatamente da *Lettera*. Mesmo nesta parte do volume, que riqueza de comentação, que argumentação cerrada, que acuidade de crítica, que convincente novidade de vistas! Um conjunto de pesquisas tal, que nos faz considerar ainda com maior severidade a vã tentativa de Levillier, que desejaria levar-nos de novo às posições de Varnhagen e de Vignaud. Diante de uma obra de tal gênero, com que seriedade científica um estudioso pode contentar-se de tocar num só argumento, e na espécie daquele que Davies pôs em foco?

Igual superficialidade na questão dos “iberismos”. Deixando de parte o fato de que o problema é mal pôsto — Magnaghi não se limita a demonstrar que a *Lettera al Soderini* é uma falsificação feita, com tôda a probabilidade, por um florentino contemporâneo e talvez amigo de Vespucci, mas lhe reconstrói a gênese — o mau italiano dêste documento, com os seus iberismos, não postula, sem mais aquela, que Vespucci seja o autor, somente porque êste viveu na Espanha de 1491 a 1501. Mesmo neste caso, a solução do problema não pode vir senão de um profundo exame do texto, que Davies podia poupar-se, achando-o já no volume de Magnaghi (cap. IV, pp. 52-61).

Mas o passo de Davies, acima citado, a sua genérica aceitação da tese de Levillier e a citação do comentário... hamlético de Revelli, são também provas da incapacidade do nosso autor para entender a fundo a posição assumida por Magnaghi no problema das fontes vespuccianas. Não foi à-tôa que esta incapacidade foi novamente demonstrada pelo próprio Levillier, na sua recente e infeliz tentativa de nos dar, como já dissemos, um completo *corpus* daquelas fontes. Como nos dois precedentes volumes de *América la bien llamada*, o estudioso argentino se compraz com meros arabescos dialéticos, como se o desmoronamento da “tradição”, operado por Magnaghi, nada mais fôsse senão um dos tantos expedientes de uma apologia preconcebida. “E’ tempo de libertar a figura do navegador florentino do colossal equívoco que a oprime há quatro séculos, de considerá-lo autor de contos fantásticos e inventados, que fazem dêle uma espécie de João de Mandeville da Época dos Grandes Descobrimentos...”, o melhor modo de prover à sua definitiva reabilitação e de libertá-lo da pretensa paternidade (*da Lettera al Soderini*)...” e outras expressões semelhantes, que ocorrem no volume de Magnaghi, são tomadas por Levillier como pretexto para insistir, com teimosa monotonia, no “arbitrio” de uma tese pré-estabelecida. Nem êste autor há quatro anos, nem agora Davies, chegam a compreender que a afirmada “libertação” de Vespucci de tudo quanto, apesar do desêjo de engrandecer-lhe a figura, não conseguiu senão expô-lo aos juízos mais diversos, na sua maioria severos e partidários, parece não já a premissa, mas a conclusão de um exame imparcial da sua historiografia. “Libertação”, isto é, a exigência de eliminar, de uma vez para sempre, o muitas vêzes repe-

tido e sempre vão trabalho de conciliar posições opostas, do qual o crítico percebe a inconciliabilidade e a insuficiência, mas que os mais têm até agora aceitado pelo habitual respeito à “tradição”, ciente ou inconsciente; depois, em primeiro lugar, a exigência de determinar, finalmente, fora de qualquer incerteza, as bases documentárias sôbre as quais fundar uma reconstrução que “liberte” a figura do Florentino de tôdas as sombras que por tempo excessivamente longo lhe tem desfigurado a fisionomia.

Ao lado dêste antiquado *leit-motiv*, os dois recentes opositores de Magnaghi não deixam de alinhar outro, não menos esfarrapado, mas que volta a cada momento, explícita ou implicitamente, com a falsa peremptoriedade de uma argumentação irremovível: Vespucci, ou seus amigos e conhecidos, não teriam deixado de protestar contra a atribuição ao Florentino de escritos, nos quais fôsse falseada a verdade histórica das suas viagens; o silêncio dêles deve ser considerado, portanto, a prova mais certa de que a “tradição” corresponde a uma realidade que qualquer crítica tardia não consegue sequer arranhar. Poupo aos leitores — por já lhes ter dado um exemplo num artigo precedente — um dos muitos trechos daquele lutulento vanilóquio com que êste “argumento-chave” é retomado no mais recente volume de Levillier (29); limito-me a citar — convicto de que nem Levillier, nem Davies, a tenham meditado bem — a límpida e convincente argumentação de Magnaghi. Como é sabido, Varnhagen se tinha fixado na idéia de que, contra a sólida autenticidade do *Mundus Novus* e da *Lettera al Soderini* não havia nada que fazer senão ter como falsificada a carta de 18 [28] de julho, cujo conteúdo não se coaduna evidentemente com os precedentes. “Mas — escrevia Magnaghi — perguntamos, sobretudo, como é possível admitir que uma publicação seja autêntica, pelo único fato de que, tendo sido impressa em vida do autor, sua autenticidade é autorizada pelo seu silêncio? Ou que devemos crer que, nos tempos de Vespucci, se pudesse desmentir estas atribuições de obras e de cartas, pela mesma maneira com que, hoje, os nossos homens políticos soem desmentir as *entrevistas*? Vespucci, no entanto, ao tempo que se publicavam o *Mundus Novus* e a *Lettera al Soderini*, estava na Espanha; e quem pode saber quando terá tido notícias destas publicações, senão das *Quattuor Navigationes* da edição de S. Dié. Mas, admitamos também que o editor lhe tenha enviado logo um exemplar, como homenagem! Que lhe aproveitaria deixar-se levar pela fúria, diante das tolices que o faziam dizer? E de que maneira teria podido protestar? *Revistas* e *jornais* eram coisa ainda do futuro; com uma carta, ou com mais cartas aos seus amigos ou aos editôres de S. Dié? Mas

(29). — Cf. R. LEVILLIER — *Amerigo Vespucci. El nuevo mundo, op. cit., p. 22.* Mas as palavras e o tom não fazem senão repetir o que se lia em *America la bien llamada*; II, 293.

êstes se teriam guardado bem de tomá-las em consideração. Ou deveria Vespucci ter redigido uma relação verdadeira das suas viagens, advertindo que aquilo que circulava com o seu nome não era obra sua? Mas que êle, da Espanha, empenhado no serviço da Côrte e nas vésperas de ser feito *Piloto Mayor*, devesse ter o trabalho de revelar sêgredos, para retificar informações errôneas e arbitrarias, é ingênuo”. E acrescenta que “antes, sob um determinado aspecto, dada a inveja que existia entre Espanha e Portugal, não era mau que se deixassem circular entre o povo notícias cercadas de obscuridade. Se Vespucci houvesse, êle mesmo, escrito para o prelo, ou se permitisse que outros publicassem a narração das suas viagens, para conquistar notoriedade e glória, teria tomado providências diferentes para êsse fim” (30).

Ao invés de perder-se, como Levillier, numa enfiada de interrogações retóricas, aquêles que crêem na autenticidade das duas estampas vespucianas, têm a obrigação de demonstrar, ou que as cartas florentinas são falsas, ou que as contradições entre estas e aquelas podem ser, tôdas, resolvidas concretamente. Excluída a primeira ponta do dilema — a ninguém pode agora ocorrer pôr em dúvida a autenticidade das três missivas expedidas por Vespucci a Lorenzo di Pier Francesco de' Medici — permanece a segunda alternativa. Mas a esta não se dá resposta satisfatória por meio de simples afirmações, ou com o jôgo pueril a que Levillier submete a cartografia contemporânea, colando papezinhos com nomes modernos nos trechos do périplo que são favoráveis à sua tese. Quanto a Davies, a suposição de uma “falsidade” voluntária do próprio Vespucci é, em si mesma, mais uma prova eloquente de que não se consegue conciliar aquelas contradições, sem recair na confusão de apresentar um Vespucci, não sabemos se mais enigmático, ou se mais velhaco; ao passo que não se chega, por êsse meio, nem sequer a dar uma sistematização satisfatória ao complicado enigma dos problemas que devem ser resolvidos.

Para Davies — como vimos — Levillier “reivindicou” a reputação de Vespucci, sinal de que essa reputação, para os dois críticos, devia estar muito por baixo. Mas, como se viu, para Levillier Vespucci teria obedecido a uma regra de misturar duas viagens numa só, confundindo e alterando habilmente dados e acontecimentos, e depois, de representar a mesma matéria distribuída em duas viagens distintas que não quadram, de forma alguma, com os documentos de que dispomos — e prescindimos, compreende-se, de

(30). — Cf. A. MAGNAGHI — *Vespucci*, cit., pp. 108-119. Desta obra é talvez oportuno recordar, a tal propósito, uma nota fugida aos recentes “críticos” vespucianos. Essa nota diz: “A *Lettera al Soderini*, foi certamente publicada à revelia de Vespucci. Observa Humboldt (V, 194) que também Magalhães poderia ter sido exposto às acusações apresentadas contra Vespucci, se fôsse publicada uma obra escrita sob o seu nome no século XVI, da qual existe o manuscrito na Biblioteca de S. Isidoro de Madri. Navarrete (IV, p. LXXXIX) demonstrou, comparando datas e fatos, que Magalhães não podia ser o seu autor”; *ibid.* p. 103 n.º 1.

todos os demais absurdos de semelhante e gratuita fantasia (31); para Davies, Vespucci teria mentido de propósito, no seu próprio interesse e com prejuízo de direitos alheios.

Pcis bem: é desta maneira que se... reabilita, segundo êstes senhores, a fama do Florentino; e reabilita-se com relação à figura que dêle é apresentada pelo crítico precedente, o nosso Magnaghi!

Por fim, Davies, mais ainda que Levillier, demonstra à evidência, já se disse, uma interpretação sua, tôda pessoal, do "método" (32). Como tivemos ocasião de escrever recentemente, e não nos cansaremos de repetir, tôda nova e diferente posição crítica agora só parece legítima, quando tem em conta tôdas as precedentes, que nega ou confirma. Pretender dar curso a uma opinião que nosso juízo repele com uma pura e simples negação, ou opondo opinião a opinião, não significa nem demolir, nem, muito menos, construir.

Uma tese cessa de convencer só quando se demonstram errados todos os elementos que a sustentam; mas permanece e sempre permanecerá de pé, mesmo que porventura seja errônea, enquanto nos limitarmos a contrapor-lhe outra, cujos elementos não parecem criticamente justificados com respeito à precedente.

Justamente por isso devemos concluir que a obra de Levillier representa um retrocesso na evolução da historiografia vespucciana.

(31) — Não deveria sequer haver necessidade de submeter tal hipótese a uma exame crítico, tanto esta parece manifestamente cerebrina. Que interesse poderia ter o Rei da Espanha ao ordenar a Vespucci que confundisse os materiais de duas viagens numa só? Mas, no caso que se quisesse estender um véu sobre a suposta expedição de 1497-1498, não teria sido mais simples relegá-la ao silêncio? Qual a razão que teria levado Vespucci a obedecer a uma ordem tão estranha, numa carta familiar ao Medici, não destinada à publicação? E tudo isto sem levar em conta as numerosas e formidáveis objeções expostas por A. MAGNAGHI, *op. cit.*, pp. 109 e seguintes, contra as quais nem Levillier, nem Davies, opuseram a mais modesta reserva; ainda mais, nem sequer as mencionaram!

(32) — Poremos em relêvo, entre outros, que as citações dos textos são quase tôdas incompletas, e nunca é mencionada a edição da qual se faz a citação, trazendo sempre em inglês. Todavia, isto tudo tem importância. Assim, por exemplo, à pág. 333 citam-se algumas passagens da *Lettera al Soderini*, nas quais é registada a "província chamada Párias"; e dêsse nome Davies se apressa a tirar a consequência (nota 1 da mesma página) que, sendo mencionado a meio caminho da viagem, que foi sempre na direção NO., "é claro que a viagem (a falsa "primeira" viagem) tem o mesmo itinerário da de 1499, do Brasil à Venezuela e à Colômbia".

Pois bem, a *Lettera al Soderini* traz, como é sabido, Lariab e não Párias; esta última forma é devida, ao invés, aos tradutores de S. Dié. Isto, escreveu já A. MAGNAGHI, *op. cit.*, p. 135, "pode ser um erro de impressão e pode ser, mais provavelmente, uma voluntária substituição para induzir a crer que se tratava de uma terra diferente, como pouco depois se fará Iú de Haiti". E são notórios os esforços de Varnhagen e de Vignaud para consertar a lição original Lariab. Ademais, seja dito imediatamente, a argumentação de Davies não teria valor, porque êle sustenta, como vimos, que a *Lettera al Soderini* não expõe os detalhes da "primeira" viagem em ordem topográfica ou lógica, do momento que quanto no texto é apresentado como começo da viagem deveria ser interpretado... como o fim. E agora?

Sempre a propósito de "ordem" dos detalhes relativos às viagens nas Cartas vespuccianas, o próprio Davies sentença que não é o caso de ver uma seqüência geográfica e cronológica na Carta de 18 (29) de julho; mas guarda-se bem — *more solito* — de aduzir a mais insignificante razão. Em compensação, o tom do discurso é desembaraçado: "which is not the case", e o que se viu, se viu! *Ipse dixit!*

Por fim, seja repetida também aqui a observação já feita algures, de que nem Levillier, nem Davies, conhecem a segunda edição da obra de Magnaghi sobre Vespucci, muitas vezes aqui citada.

na. Se bem fôsse fácil prever que qualquer apressado ou deslumbrado sectário tomaria por ouro de lei os europeís do escritor argentino, confessamos que jamais creríamos possível ler “ensaios” do gênero dêste a que dedicamos tanto espaço. Estávamos convictos, e o escrevemos, que sòmente seguindo a trilha marcada pela obra inovadora e pacificadora do nosso Magnaghi se poderiam ainda colher folhas verdes, ou antes, algumas flôres vermelhas, no horto vespuciano, que a tradição nos tinha entregue ainda invadido por ervas más, e agora quase em abandôno. O “ensaio” de Davies nos dá uma nova prova, mas nos faz sentir, mais aguda, a amargura de que um periódico merecidamente apreciado pela sua seriedade científica, como é o *Geographical Journal*, tenha dado abrigo em suas colunas a um artigo que preferimos não julgar, mas que — para continuar a metáfora — nos faz pensar que os canteiros da-quele horto estão ainda mais invadidos e sufocados pelas ervas daninhas.

GIUSEPPE CARACI

da Universidade de Roma.